

D. QUIXOTE

VOL. II

Cervantes

**D. Quixote de La Mancha — Segunda Parte
(1615)**

**Miguel de Cervantes [Saavedra]
(1547-1616)**

Tradução:

Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho (1809-1876)

Conde de Azevedo

Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875)

Visconde de Castilho

Edição

eBooksBrasil

www.ebooksbrasil.com

Versão para eBook

eBooksBrasil.com

Fonte Digital

Digitalização da edição em papel de Clássicos Jackson, Vol. IX

Copyright

Autor: 1615, 2005 Miguel de Cervantes

Tradução

Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho (1809-1876)

Conde de Azevedo

Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875)

Visconde de Castilho

Capa: Honoré-Victorin Daumier (1808-1879)

Retrato de Cervantes: Eduardo Balaca (1840-1914)

Edição: 2005 eBooksBrasil.com

ÍNDICE

Taxa

Fé de Erratas

Aprovação

Aprovação

Aprovação

Privilégio

Prólogo

Dedicatória

D. Quixote de la Mancha, Segunda parte:

Capítulo I

Do que passaram o cura e o barbeiro com D. Quixote acerca da sua enfermidade.

Capítulo II

Que trata da notável pendência, que Sancho Pança teve com a sobrinha e ama de D. Quixote, e de outros sucessos graciosos.

Capítulo III

Do divertido arrazoamento que houve entre D. Quixote, Sancho Pança e o bacharel Sansão Carrasco.

Capítulo IV

Em que Sancho Pança satisfaz ao bacharel Carrasco, acerca das suas dúvidas e perguntas, com outros sucessos dignos de se saber e de se contar.

Capítulo V

Da discreta e graciosa prática que houve entre Saneho Pança e sua mulher Teresa Pança, e outros sucessos dignos de feliz recordação.

Capítulo VI

Do que passou D. Quixote com a sua sobrinha e a sua ama, capítulo dos mais importantes desta história toda.

Capítulo VII

Do que passou D. Quixote com o seu escudeiro, e outros sucessos famosíssimos.

Capítulo VIII

Onde se conta o que sucedeu a D. Quixote, indo ver a sua dama Dulcinéia del Toboso.

Capítulo IX

Onde se conta o que nele se verá.

Capítulo X

Onde se conta a indústria que Sancho teve para encantar a senhora Dulcinéia, e outros sucessos tão ridículos como verdadeiros.

Capítulo XI

Da estranha aventura que sucedeu a D. Quixote com o carro ou carreta das cortes da morte.

Capítulo XII

Da estranha aventura que sucedeu a D. Quixote com o bravo cavaleiro dos espelhos.

Capítulo XIII

Onde prossegue a aventura do cavaleiro da Selva, com o discreto, novo e suave colóquio que houve entre os dois escudeiros.

Capítulo XIV

Onde prossegue a aventura do cavaleiro da Selva.

Capítulo XV

Onde se conta e dá notícia de quem era o cavaleiro dos Espelhos e o seu escudeiro.

Capítulo XVI

Do que sucedeu a D. Quixote com um discreto cavaleiro da Mancha.

Capítulo XVII

Onde se declara o último ponto a que chegou e podia chegar o inaudito ânimo de D. Quixote, com a

aventura dos leões, tão felizmente acabada.

Capítulo XVIII

Do que sucedeu a D. Quixote no castelo ou casa do cavaleiro do Verde Gabão, com outras coisas extravagantes.

Capítulo XIX

Onde se conta a aventura do pastor enamorado, com outros sucessos na verdade graciosos.

Capítulo XX

Onde se contam as bodas de Camacho, o rico, e o sucesso de Basílio, o pobre.

Capítulo XXI

Em que prosseguem as bodas de Camacho, com outros saborosos sucessos.

Capítulo XXII

Onde se dá conta da grande aventura da cova de Montesinos, que está no coração da Mancha, e a que pôs feliz termo o valoroso D. Quixote.

Capítulo XXIII

Das admiráveis coisas que o extremado D. Quixote contou que vira na profunda cova de Montesinos, coisas que, pela impossibilidade e grandeza, fazem que se considere apócrifa esta aventura.

Capítulo XXIV

Onde se contam mil trapalhadas, tão impertinentes como necessárias ao verdadeiro entendimento desta grande história.

Capítulo XXV

Onde se conta a aventura dos zурros, e o gracioso caso do homem dos títeres, com as memoráveis adivinhações do macaco.

Capítulo XXVI

Onde continua a graciosa aventura do homem dos títeres, com outras coisas na verdade boníssimas.

Capítulo XXVII

Onde se dá conta de quem eram mestre Pedro e o seu macaco, e também do mau resultado que tirou D. Quixote da aventura do zurro, a que não pôs o termo que desejava e pensava.

Capítulo XXVIII

Das coisas que diz Benengeli, que saberá quem as ler, se as ler com atenção.

Capítulo XXIX

Da famosa aventura do barco encantado.

Capítulo XXX

Do que sucedeu a D. Quixote com uma bela caçadora.

Capítulo XXXI

Que trata de muitas e grandes coisas.

Capítulo XXXII

Da resposta que deu D. Quixote ao seu repreensor, com outros graves e graciosos sucessos.

Capítulo XXXIII

Da saborosa prática que a duquesa e as suas donzelas tiveram com Sancho Pança, digna de que se leia e que se note.

Capítulo XXXIV

Que dá conta da notícia que se teve de como se havia de desencantar a incomparável Dulcinéia del Toboso, que é uma das aventuras mais famosas deste livro.

Capítulo XXXV

Onde prossegue a notícia que teve D. Quixote, do desencantamento de Dulcinéia, com outros admiráveis sucessos.

Capítulo XXXVI

Onde se conta a estranha e nunca imaginada aventura de Dona Dolorida, aliás da condessa Trifaldi, com uma carta que Sancho Pança escreveu a sua mulher Teresa Pança.

Capítulo XXXVII

Onde prossegue a famosa aventura da Dona Dolorida.

Capítulo XXXVIII

Onde se conta o que disse das suas desventuras a Dona Dolorida.

Capítulo XXXIX

Onde a Trifaldi prossegue na sua estupenda e memorável história.

Capítulo XL

Das coisas que dizem respeito a esta aventura e a esta memorável história.

Capítulo XLI

Da vinda de Clavileno, com o fim desta dilatada aventura.

Capítulo XLII

Dos conselhos que deu D. Quixote a Sancho Pança, antes de ele ir governar a ilha, com outras coisas bem consideradas.

Capítulo XLIII

Dos segundos conselhos que deu D. Quixote a Sancho Pança.

Capítulo XLIV

De como Sancho Pança foi levado para o governo, e da estranha aventura que sucedeu no castelo a D. Quixote.

Capítulo XLV

De como Sancho Pança tomou posse da sua ilha, e do modo como principiou a governá-la.

Capítulo XLVI

Da temerosa chuva de gatos barulhentos que recebeu D. Quixote, no decurso dos amores da enamorada Altisidora.

Capítulo XLVII

Onde prossegue a narração do modo como se portava Sancho Pança no seu governo.

Capítulo XLVIII

Do que sucedeu a D. Quixote com Dona Rodríguez, a dona da duquesa, com outros acontecimentos dignos de escritura e memória eterna.

Capítulo XLIX

Do que sucedeu a Sancho Pança quando rondava a ilha.

Capítulo L

Onde se declara quem foram os nigromantes e verdugos que açoitaram a dona, beliscaram e arranharam D. Quixote, com o sucesso que teve o pajem que levou a carta a Teresa Pança, mulher de Sancho Pança.

Capítulo LI

Do progresso do governo de Sancho Pança, com outros sucessos curiosos.

Capítulo LII

Onde se conta a aventura da segunda Dona Dolorida ou Angustiada, chamada por outro nome Dona Rodríguez.

Capítulo LIII

Do cansado termo e remate que teve o governo de Sancho.

Capítulo LIV

Que trata de coisas tocantes a esta história, e a nenhuma outra.

Capítulo LV

De coisas sucedidas a Sancho, e outras que não há mais que ver.

Capítulo LVI

Da descomunal e nunca vista batalha que houve entre D. Quixote de la Mancha e o laçao Tosilos, em defesa da filha da dona da duquesa, Dona Rodríguez.

Capítulo LVII

Que trata de como D. Quixote se despediu do duque, e do que sucedeu com a discreta e desenvolta Altisidora, donzela da duquesa.

Capítulo LVIII

Que trata de como choveram em cima de D. Quixote tantas aventuras, que não tinha vagar para todas.

Capítulo LIX

Onde se conta o extraordinário caso, que se pode chamar aventura, que aconteceu a D. Quixote.

Capítulo LX

Do que sucedeu a D. Quixote no caminho de Barcelona.

Capítulo LXI

Do que sucedeu a D. Quixote na entrada de Barcelona, com outras coisas que têm mais de verdadeiras que de discretas.

Capítulo LXII

Que trata da aventura da cabeça encantada, com outras ninharias que não podem deixar de se contar.

Capítulo LXIII

De como Sancho Pança se deu mal com a visita às galés e da nova aventura da formosa mourisca.

Capítulo LXIV

Que trata da aventura que mais afligiu D. Quixote de todas quantas até então lhe tinham acontecido.

Capítulo LXV

Em que se dá notícia de quem era o cavaleiro da Branca Lua, com a liberdade de D. Gregório e outros sucessos.

Capítulo LXVI

Que trata do que verá quem o ler, ou do que ouvirá quem o ouvir ler.

Capítulo LXVII

Da resolução que tomou D. Quixote de se fazer pastor e seguir a vida do campo, durante o ano da sua promessa, com outros sucessos, na verdade gosotosos e bons.

Capítulo LXVIII

Da aventura suína que aconteceu a D. Quixote.

Capítulo LXIX

Do mais raro e mais novo sucesso, que em todo o decurso desta grande história aconteceu a D. Quixote.

Capítulo LXX

Que se segue ao sessenta e nove e trata de coisas que não são escusadas para a clareza desta história.

Capítulo LXXI

Do que sucedeu a D. Quixote com o seu escudeiro Sancho, quando ia para a sua aldeia.

Capítulo LXXII

De como D. Quixote e Sancho chegaram à sua aldeia.

Capítulo LXXIII

Dos agouros que teve D. Quixote ao entrar na sua aldeia, com outros sucessos que são adorno e crédito desta grande história.

Capítulo LXXIV De como D. Quixote adoeceu, e do testamento que fez, e da sua morte.

**O Engenhoso Fidalgo
D. Quixote de la Mancha
Segunda Parte**

Miguel de Cervantes

TAXA

Eu Hernando de Vallejo, escrivão de Câmara del Rei nosso senhor, dos que residem em seu Conselho, dou fê que havendo-se visto pelos senhores dele um livro que compôs Miguel de Cervantes Saavedra, intitulado Dom Quixote de la Mancha, Segunda parte, que com licença de Sua Majestade foi impresso, o taxaram a quatro maravedis cada caderno em papel, o qual tem setenta e três cadernos, que ao dito respeito soma e monta duzentos e noventa e dois maravedis, e mandaram que esta taxa se ponha no princípio de cada volume do dito livro, para que se saiba e entenda o que por ele se há de pedir e levar, sem que exceda nele em maneira alguma, como consta e aparece pelo auto e decreto original sobre ele dado, e que fica em meu poder, a que me refiro; e por mandamento dos ditos senhores do Conselho e de pedimento da parte do dito Miguel de Cervantes, dei esta fê, em Madrid, a vinte e um dias do mês de outubro de mil e seiscentos e quinze anos.

Hernando de Vallejo

FÉ DE ERRATAS

Vi este livro intitulado Segunda parte de don Quijote de la Mancha, composto por Miguel de Cervantes Saavedra, e não há nele coisa digna de notar que não corresponda a seu original. Dada em Madrid, a vinte e um de outubro, mil e seiscentos e quinze.

O Licenciado Francisco Murcia de la Llana

APROVAÇÃO

Por comissão e mandado dos senhores do Conselho, fiz ver o livro contido neste memorial: não contém coisa contra a fê nem bons costumes; antes é livro de muito entretenimento lícito, mesclado de muita filosofia moral; pode-se-lhe dar licença para imprimi-lo. Em Madrid, a cinco de novembro de mil seiscentos e quinze.

Doutor Gutierre de Cetina

APROVAÇÃO

Por comissão e mandado dos senhores do Conselho, vi a Segunda parte de don Quijote de la Mancha, por Miguel de Cervantes Saavedra: não contém coisa contra nossa santa fê católica, nem

bons costumes, antes, muitas de honesta recreação e agradável divertimento, que os antigos julgaram conveniente a suas repúblicas, pois ainda na severa dos lacedemônios erigiram estátua ao riso, e os de Tessália lhe dedicaram festas, como diz Pausânias, referido por Bosio livro II De signis Ecclesiæ, capítulo 10, alentando ânimos murchados e espíritos melancólicos, de que se acordou Túlio no primeiro De legibus, e o poeta dizendo:

Interpone tuis interdum gaudia curis

o que faz o autor mesclando as veras às burlas, o doce ao proveitoso e o moral à farsa, dissimulando na isca do donaire o anzol da repreensão, e cumprindo com o acertado assunto em que pretende a expulsão dos livros de cavalarias, pois com sua boa diligência manhosamente limpando de sua contagiosa dolência a estes reinos, é obra mui digna de seu grande engenho, honra e glória de nossa nação, admiração e inveja das estranhas. Este é meu parecer, salvo, etc. Em Madrid, a 17 de março de 1615.

O mestre Josef de Valdivielso

APROVAÇÃO

Por comissão do senhor doutor Gutierre de Cetina, vigário-geral desta vila de Madrid, corte de Sua Majestade, vi este livro da Segunda parte do engenhoso cavaleiro don Quixote de la Mancha, por Miguel de Cervantes Saavedra, e não acho nele coisa indigna de um zelo cristão, nem que destoe da decência devida a bom exemplo, nem virtudes morais; antes, muita erudição e aproveitamento, assim na continência de seu bem seguido assunto para extirpar os vãos e mentirosos livros de cavalarias, cujo contágio havia espalhado mais do que fora justo, como na lisura da linguagem castelhana, não adulterada com enfadonha e estudada afetação, vício com razão aborrecido de homens cordatos; e na correção de vícios que geralmente toca, ocasionado por seus agudos discursos, guarda com tanta cordura as leis de repreensão cristã, que aquele que fora tocado da enfermidade que pretende curar, na doce e saboroso de suas medicinas gostosamente terá bebido, quando menos o imagine, sem embaraço nem asco algum, o proveitoso da detestação de seu vício, com que se achará, que é mais difícil de se conseguir, satisfeito e repreendido. Houve muitos que, por não ter sabido temperar nem mesclar a propósito o útil com o prazeroso, deram com todo seu molesto trabalho por terra, pois não podendo imitar a Diógenes no filósofo e douto, atrevida, para não dizer licenciada e deslumbradamente, o pretendem imitar no cínico, entregando-se a maledicências, inventando casos que não aconteceram, para tornar capaz o vício que tocam de sua áspera repreensão, e por ventura descobrem caminhos para segui-lo, até então ignorados, com que acabam por ficar, se não repreensores, pelo menos, mestres dele. Fazem-se odiosos aos conhecedores, com o povo perdem o crédito, se algum tiveram, para admitir seus escritos e os vícios que arrojada e impudentemente quiserem corrigir em muito pior estado que antes, que nem todas as apostemas ao mesmo tempo estão dispostas a admitir as receitas ou cautérios; antes, alguns muito melhor recebem as brandas e suaves medicinas, com cuja aplicação o atento e douto médico consegue por fim resolvê-las, término que muitas vezes é melhor que o que se alcança com o rigor do ferro.

Bem diferente sentiram dos escritos de Miguel de Cervantes, assim nossa nação como as estrangeiras, pois como por milagre desejam ver o autor de livros que com geral aplauso, assim por seu decoro e decência como pela suavidade e brandura de seus discursos, hão recebido Espanha, França, Itália, Alemanha e Flandres. Certifico com verdade que em vinte e cinco de fevereiro deste ano de seiscentos e quinze, havendo ido o ilustríssimo Senhor Dom Bernardo de Sandoval y Rojas,

cardeal-arcebispo de Toledo, meu senhor, a pagar a visita que a Sua Ilustríssima fez o embaixador de França, que veio a tratar coisas tocantes aos casamentos de seus príncipes e os de Espanha, muitos cavaleiros franceses dos que vieram acompanhando o embaixador, tão corteses como entendidos e amigos de boas letras, se chegaram a mim e a outros capelães do cardeal meu senhor, desejosos de saber que livros de engenho eram mais válidos; e, tocando acaso neste que eu estava censurando, apenas ouviram o nome de Miguel de Cervantes, quando começaram a elogiar, encarecendo a estima em que, assim na França como nos reinos seus confinantes, se tinham suas obras: a Galatéia, que algum deles tem quase de memória a primeira parte desta e as Novelas. Foram tantos os seus encarecimentos, que me ofereci para levá-los a ver o autor delas, que estimaram com mil demonstrações de vivos desejos. Perguntaram-me mui pormenorizadamente sua idade, sua profissão, qualidade e quantidade. Achei-me obrigado a dizer que era velho, soldado, fidalgo e pobre, a que um respondeu com estas formais palavras: “Pois a um tal homem não tem a Espanha muito rico e sustentado pelo erário público?” Acudiu outro daqueles cavalheiros com este pensamento e com muita agudeza, e disse: “Se a necessidade o há de obrigar a escrever, praza a Deus que nunca tenha abundância, para que, com suas obras, sendo ele pobre, faça rico a todo o mundo”.

Bem creio que está, para censura, um pouco extensa; alguém dirá que toca os limites do lisonjeiro elogio; mas a verdade do que curtamente digo desfaz no crítico a suspeita e em mim o cuidado; ademais que hoje em dia não se lisonjeia a quem não tem com que adoçar o bico do adulator, que, embora afetuosa e falsamente diga brincando, pretende ser remunerado de verdade.

Em Madrid, a vinte e sete de fevereiro de mil e seiscentos e quinze.

O Licenciado Márquez Torres

PRIVILÉGIO

Porquanto por parte de vós, Miguel de Cervantes Saavedra, nos foi feita comunicação que havíeis composto a Segunda parte de don Quixote de la Mancha, da qual fazíeis apresentação, e, por ser livro de história agradável e honesta, e haver-vos custado muito trabalho e estudo, nos suplicastes que vos mandássemos dar licença para o poder imprimir e privilégio por vinte anos, ou como à nossa mercê fosse; o qual visto pelos do nosso Conselho, porquanto no dito livro se fez a diligência que a pragmática por nós sobre ele feita dispõe, foi acordado que devíamos mandar dar esta nossa cédula na dita razão, e nós o tivemos por bem. Pelo qual vos damos licença e faculdade para que, por tempo e espaço de dez anos cumpridos primeiros seguintes, que corram e se contem desde o dia da data desta nossa cédula em diante, vós, ou a pessoa que para isso vosso poder houver, e não outra pessoa, passais imprimir e vender o dito livro de que supra se faz menção; e pela presente damos licença e faculdade a qualquer impressor de nossos reinos que nomeardes para que durante o dito tempo o possa imprimir pelo original que em nosso Conselho se viu, que vai rubricado e assinado ao final por Hernando de Vallejo, nosso escrivão de Câmara e um dos que nele residem, com que antes e primeiro que se venda o tragais ante ele, juntamente com o dito original, para que se veja se a dita impressão está conforme a ele, ou tragais fé em pública forma, por corretor por nós nomeado, se viu e corrigiu a dita impressão pelo dito original, e mais ao dito impressor que assim imprimira o dito livro não imprima o princípio e primeira folha dele, nem entregue mais de um só livro com o original ao autor e pessoa a cuja custa o imprimir, nem a outra alguma, para efeito de a dita correção e taxa, até que antes e primeiro o dito livro esteja corrigido e taxado pelos do nosso Conselho, e estando feito, e não de outra maneira, possa imprimir o dito princípio e primeira folha na qual ponha imediatamente esta nossa licença e aprovação, taxa e erratas, nem o passais vender nem vendais vós nem outra pessoa alguma até que esteja o dito livro na forma supradita, sob pena

de cair e incorrer nas penas contidas na dita pragmática e leis de nossos reinos que sobre isso dispõem, e mais, que durante o dito tempo pessoa alguma sem vossa licença não o possa imprimir nem vender, sob pena que o que o imprimir e vender haja perdido e perca quaisquer livros, moldes e aparelhos que dele tiver, e mais incorra em pena de cinqüenta mil maravedis por cada vez que o contrário fizer, da qual dita pena seja a terça parte para o juiz que o sentenciar, e a outra terça parte para o que o denunciar, e mais aos de nosso Conselho, presidentes, ouvidores das nossas Audiências, alcaides, oficiais de justiça da nossa Casa e Corte e Chancelarias, e a outras quaisquer justiças de todas as cidades, vilas e lugares de nossos reinos e senhorios, e a cada um em sua jurisdição, assim aos que agora são como aos que serão de aqui em diante, que vos guardem e cumpram esta nossa cédula e mercê que assim vos fazemos e contra ela não vão nem passem de maneira alguma, sob pena de nossa mercê e de dez mil maravedis para nossa Câmara. Dada em Madrid, a trinta dias do mês de março de mil e seiscentos e quinze anos.

EU, EL-REI.

Por mandado do Rei nosso senhor:
Pedro de Contreras

PRÓLOGO AO LEITOR

VALHA-ME DEUS, com quanta vontade deves de estar esperando agora, leitor ilustre, ou plebeu, este prólogo, julgando achar nele vinganças, pugnas e vitupérios contra o autor do segundo D. Quixote; quero dizer, contra aquele que dizem que se gerou em Tordesilhas e nasceu em Tarragona. Pois em verdade te digo que te não hei-de dar esse contentamento, que, ainda que os agravos despertam a cólera nos mais humildes peitos, no meu há-de ter exceção esta regra. Quererias que eu lhe chamasse asno, atrevido e mentecapto; mas tal me não passa pelo pensamento; castigue-o o seu pecado e trague-o a seu bel-prazer, e que lhe não faça engulhos. O que não pude deixar de sentir foi que me apodasse de manco e de velho, como se estivesse na minha mão demorar o tempo, que parasse para mim, ou como se eu tivesse saído manco de alguma rixa de taberna, e não do mais nobre feito que viram os séculos passados e presentes, e esperam ver os vindouros. Se as minhas feridas não resplandecem aos olhos de quem as mira, são estimadas, pelo menos, por aqueles que sabem onde se ganharam; que o soldado melhor parece morto na batalha, do que livre na fuga: e tanto sinto isto que digo, que, se agora me propusessem e facilitassem um impossível, antes quisera ter estado naquela peleja prodigiosa, do que são das minhas feridas sem lá me ter achado. As cicatrizes que o soldado ostenta no rosto e no peito são estrelas que guiam os outros ao céu da honra, e ao desejar justo louvor; e convém advertir que se não escreve com as cãs, mas sim com o entendimento, que costuma aperfeiçoar-se com os anos. Senti também que me chamasse invejoso e me descrevesse, como a um ignorante, que coisa seja a inveja, que, verdade, verdade, de duas que há, eu só conheço a santa, a nobre e a bem intencionada; e, sendo assim como é, não tenho motivo para perseguir nenhum sacerdote, que, de mais a mais, seja também familiar do Santo Ofício; e se ele o disse referindo-se a quem parece, de todo em todo se enganou, que, desse tal, adoro eu o engenho, admiro as obras e a ocupação contínua e virtuosa. Mas, efetivamente, agradeço a este senhor autor o dizer que as minhas novelas são mais satíricas do que exemplares, porque isso mostra que são boas, e não o poderiam ser, se não tivessem de tudo. Parece-me que me dizes que ando muito acanhado, e que me mantenho demasiadamente dentro dos limites da minha modéstia, sabendo que se não deve acrescentar mais aflições ao aflito, e as que este senhor deve de ter são grandíssimas, sem dúvida, pois não se atreve a aparecer em campo aberto e com céu claro, encobrando o seu nome e fingindo a sua pátria, como se tivesse feito alguma traição de lesa-majestade. Se porventura chegares a conhecê-lo, dize-lhe da minha parte que me não tenho por

agravado, que bem sei o que são tentações do demônio, que uma das maiores é meter-se-lhe a um homem na cabeça que pode compor e imprimir um livro com que ganhe tanta fama como dinheiro e tanto dinheiro como fama, e para confirmação disto quero que com todo o donaire e graça lhe contes este conto:

Havia em Sevilha um doido, que deu no mais gracioso disparate e teima que nunca se viu. E foi que fez um canudo de cana pontiagudo e, em apanhando um cão na rua, ou em qualquer outra parte, prendia-lhe uma pata com os pés, com a mão levantava-lhe outra e, como podia, lá lhe adaptava o canudo em sítio, em que, soprando-lhe, o punha redondo como uma pela, e, quando o apanhava deste modo, dava-lhe duas palmaditas na barriga, e soltava-o, dizendo aos circunstantes (que sempre eram muitos): Pensarão agora Vossas Mercês que é pouco trabalho inchar assim um cão. Pensará Vossa Mercê agora que é pouco trabalho fazer um livro. E, se este conto lhe não quadrar, diga-lhe, leitor amigo, o seguinte, que também é de orate e de cão:

Havia em Córdova outro doido, que tinha por costume trazer à cabeça um pedaço de mármore ou um pedregulho não muito ligeiro e, em topando algum cão descuidado, aproximava-se e deixava cair o peso em cima dele. Magoava-se o cão e, ladrando e ganindo, não parava nem em três ruas. Sucedeu, pois, que entre os cães, a que fez isto, foi um deles o cão dum chapeleiro, que o estimava muito. Atirou-lhe uma pedra, deu-lhe na cabeça, desatou a ganir o cão moído, viu-o e sentiu-o o dono; agarrou numa vara de medição, veio ter com o doido, e não lhe deixou uma costela sã, e a cada paulada que lhe dava, dizia: Ah! ladrão! ah perro! pois não viste, cruel, que o meu cão era podengo? E, repetindo-lhe o nome de podengo muitas vezes, largou o louco, depois de lhe ter posto os ossos num feixe. Escarmentou-se e retirou-se o doido, e em mais dum mês não saiu à praça, e ao cabo desse tempo voltou com a mesma invenção e com maior carga. Chegava-se aos cães, olhava fito para eles por muito tempo, e sem querer, nem se atrever a descarregar a pedra, dizia: Este é podengo! cautela! E efetivamente, quantos cães topava, ainda que fossem alões ou gozos, dizia que eram podengos, e nunca mais disparou o pedregulho. Talvez aconteça o mesmo a este historiador, que não se atreva a tornar a soltar a presa do seu engenho em livros que, em sendo maus, são mais duros que pedras. Dize-lhe também que da ameaça que me faz, de que me há-de tirar os lucros com o seu livro, nada se me dá, que, acomodando-me ao entremez famoso da Perendenga, lhe respondo que viva para mim o Vinte e quatro meu senhor, e Cristo para todos: viva o grande conde de Lemos, cuja cristandade e liberalidade bem conhecida, contra todos os golpes da minha aziaga fortuna, me conserva de pé; e viva para mim também a suma caridade do ilustríssimo de Toledo, D. Bernardo de Sandoval y Rojas, e pouco me importa que haja ou não haja imprensas no mundo e que se imprimam ou não contra mim mais livros do que letras têm as coplas de Mingo Bevilgo. Estes dois príncipes, sem que a minha adulação os solicite, nem outro gênero de aplauso, só por sua bondade tomaram a seu cargo fazer-me mercê e favorecer-me, e nisso me tenho por mais ditoso e mais rico do que se a fortuna pelos caminhos ordinários ma tivesse posto no pináculo. A honra pode-a ter o pobre, mas não o vicioso; pobreza pode enublar a fidalguia, mas não escurecê-la de todo; e não lhe digas mais, nem eu quero dizer-te mais a ti, senão advertir-te que esta segunda parte do D. Quixote, que te ofereço, é cortada pelo mesmo oficial e no mesmo pano que a primeira, e que te dou nela D. Quixote dilatado, e finalmente morto e sepultado, para que ninguém se atreva a levantar-lhe novos testemunhos, pois já bastam os passados, e basta também que um homem honrado desse notícia destas discretas loucuras, sem querer de novo entrar com elas; que a abundância das coisas, ainda que sejam boas, faz com que se não estimem, e as más, quando são raras, alguma coisa se apreciam. Esquecia-me de te dizer que esperes o Pérsiles, que já estou acabando, e a segunda parte da Galatéia.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

